

# EXPERIÊNCIA POLÍTICA E EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA: MARX, ADORNO E A COMPREENSÃO DA PRÁXIS

*Political Experience and Philosophical Experience:  
Marx, Adorno and the Comprehension of Praxis*

WOLFGANG LEO MAAR\*  
[wmaar@ufscar.br](mailto:wmaar@ufscar.br)

Data de recepção: 8 de agosto de 2013

Data de aceitação: 30 de outubro de 2013

## RESUMO

No marxismo clássico, a determinação da consciência pelo ser ocorre numa concepção que enfatiza o avanço na satisfação objetiva de carências como fome e miséria. A consciência da solução de problemas leva a uma compreensão da práxis como experiência política de aparente paralisia, avessa a mudanças práticas. Mas esta é uma compreensão falsa da práxis que só interessa à perpetuação do vigente e provém da dominação resultante da sociedade baseada exclusivamente na mercantilização. Na articulação de Marx com Adorno, como exposto na *Dialética Negativa*, a determinação da consciência pelo ser material dá lugar a uma determinação materialista desenvolvida como experiência filosófica de um *primado dialético do objeto*. O objeto, prioritário na satisfação das necessidades humanas, é apreendido também como mercadoria, objeto “coisificado”. Para a revisão adorniana, a determinação da consciência deve levar em conta a produção objetiva das carências: fome e miséria já não são só situações originárias, mas resultantes do processo de acumulação de riqueza. Adorno enfatiza que, numa sociedade de abundância em que persiste a fome como resultado das relações de produção vigentes, estas devem ser objeto de transformação. A experiência política deve levar em conta ambas as dimensões do objeto expostas nessa experiência filosófica: sua “face” no plano dos interesses materiais e sua “careta” no plano da mercantilização objetiva decorrente das relações vigentes. As determinações impostas pelo plano material, no âmbito da geração *da sociedade* e suas necessidades, não se transferem imediatamente, mas apenas de modo mediado, à práxis *na sociedade*, com suas mercadorias. A perspectiva da experiência filosófica possibilita a

---

\* Universidade Federal de São Carlos.

compreensão da práxis na sociedade mercantilizada como experiência política, tanto de paralisia, quanto de crítica.

*Palavras chave:* Marx; Adorno; Política; Consciência; Experiência filosófica; Experiência política.

#### ABSTRACT

In classical Marxism, the material determination of consciousness emphasizes the satisfaction of needs such as hunger and misery leading to a condition in which praxis is understood as political experience of paralysis, which is opposite to practical transformations. But this interpretation is a misunderstanding that assumes praxis as a false experience that results from the domination inherent to a commodified society. In his revision of Marx, as exposed in his *Negative Dialectic*, Adorno substitutes the classical determination of consciousness with the philosophical experience of a *dialectical primacy of the object*. The object of the satisfaction of human needs is also understood as “objectified” commodity. In Adorno’s view, the determination of consciousness must be understood at the level of the objective production of needs: hunger and misery are also results of the production of wealth. Adorno underlines that in a wealthy society where there is still hunger, the existing form of production ought to be changed. In political experience, there must be awareness of both dimensions of the philosophical experience exposed above: its “face” as the material needs and its “mask” as the commodity level of existing society. Consciousness is not reached directly from the level of the production of society and its needs to the level of production *in society* and its commodities. The mediation of philosophical experience is necessary to reach consciousness. It allows a perspective in which praxis is comprehended in commodified society as political experience of paralysis and critics.

*Key words:* Marx; Adorno; Politics; Consciousness; Philosophical experience; Political experience.

“Ist diese Welt überhaupt noch ein lebendig zu erfahrendes?”<sup>1</sup>

Th. W. Adorno

A enorme imposição do plano econômico sobre a sociedade na presente crise mundial pode levar a concluir que há uma “antinomia da política”. Nesta antinomia, a política é, simultaneamente, mais importante do que em nenhuma época anterior

<sup>1</sup> Adorno expressa a sua indagação com calculada ambiguidade neste texto, de difícil tradução: de uma parte, trata-se da possibilidade de o mundo ainda ser passível de uma “experiência viva”; de outra parte, contudo, está em causa uma possível experiência de um “mundo vivo”. A citação encontra-se em Theodor W. ADORNO, “Einführung zum ‘Positivismusstreit in der deutschen Soziologie’”. In: *Soziologische Schriften - 1. Gesammelte Schriften* – Vol. 8. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, pg. 342. As traduções ao português das citações usadas no texto são de minha responsabilidade.

para controlar a economia, porém, também é totalmente irrelevante, porque dependente do plano econômico. Conforme a hipótese defendida neste texto, o que seria antinômico não implica em uma paralisia, mas reflete a dialética da política da luta de classes. A articulação entre as obras de Marx e Adorno é a chave para apreender o enigma desta concepção da política. Nesta articulação, o foco materialista se desenvolve como um *primado dialético do objeto*. O objeto, prioritário no plano material da satisfação das necessidades humanas, é apreendido também no plano da produção social em todas suas dimensões, como mercadoria, objeto “coisificado”. A política nesta medida deve levar em conta ambas estas dimensões do objeto: sua “face” no plano dos interesses materiais e sua “careta” no plano da mercantilização objetiva. Nesses termos, a política se instala na vida contemporânea como interação criativa entre, de um lado, políticas de combate à fome e à miséria e, de outro, políticas de transformação das relações de produção geradoras de fome e miséria.

O desafio hoje é compreender a práxis para direcionar a política. As políticas que hoje são orientadas, sobretudo, à erradicação do sofrimento – erradicação da fome, da miséria resultante do desemprego e da exclusão social – seriam uma experiência política a que a experiência filosófica – vide racionalidade conceitual - teria que se adaptar para escapar à paralisia.

## 1 A PRIORIDADE DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

“Mais uma vez triunfa o tema dialético da conversão da quantidade em qualidade. Com a condenação, decretada administrativamente, de milhões de homens e mulheres a perecerem pela fome, pela miséria em consequência do subemprego e do desemprego, pela intolerância em consequência da migração forçada pela situação econômica, pela guerra decorrente de disputas dos Estados oligopolizados, a morte se converteu em algo que nunca antes fora temido dessa maneira. Já não resta a menor chance de que a morte seja experimentada como ocorrência resultante simplesmente do curso da vida dos indivíduos. O indivíduo é desapropriado do que de derradeiro e mais humilde ainda lhe restava. Em decorrência desta situação de morte, não do indivíduo, mas do exemplar, o morrer afeta a todos, inclusive aqueles não submetidos diretamente àquelas condenações. O genocídio é a integração absoluta que é gestada por toda parte onde homens são reduzidos a exem-

plares, são afinados nos mesmos moldes, até serem literalmente apagados como desvios do conceito de sua completa nulidade.”

O texto acima é, propositalmente, uma paráfrase do início do capítulo final da *Dialética Negativa* de Theodor W. Adorno<sup>2</sup>, “Meditações sobre a metafísica”. A morte é apreendida num contexto de fome e miséria que não são características de uma situação de imediatez originária, mas são resultantes do processo de acumulação de riqueza. A fome e a miséria de seres humanos são experiências de mediação de um processo em que seres humanos são reduzidos a exemplares. Os “exemplares” são os homens reduzidos a objetos que correspondem ao que Adorno apresenta como a prioridade do objeto enquanto careta deformada na sociedade vigente do que é a realidade objetiva.

A questão que preside a reflexão adorniana diz respeito à questão, essencial a Marx, relativa à determinação da consciência pelo ser material. A questão posta é: como apreender a política – no sentido em que a mesma corresponde, reflexivamente, não só à dinâmica dos interesses materiais, mas também à dimensão da formação dos sujeitos políticos – na situação referida, de quase exclusiva determinação?

O que o texto de Adorno expressa adquire uma atualidade impressionante na situação que enfrentamos hoje, num contexto de crise. Esta nada mais é do que a prioridade do objeto, porém tomado exclusivamente no formato deformado em que aparece na sociedade vigente: a determinação da consciência pelo ser, porém como uma determinação coisificada, reificada da consciência. Por isto Adorno em outra ocasião afirmou:

“Hoje a determinação da consciência pelo ser converteu-se em meio de escamotear qualquer consciência que discorde da existência. O momento de objetividade da verdade, necessário à apresentação da dialética, é tacitamente substituído por um vulgar positivismo e pragmatismo – em última análise: um subjetivismo burguês”<sup>3</sup>.

Mas esta forma deformada da prioridade do objeto, embora deformada, é real efetiva. Conforme as advertências de Adorno:

<sup>2</sup> Theodor W. ADORNO, *Negative Dialektik, Gesammelte Schriften*, Vol. 6. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, pg. 355.

<sup>3</sup> Theodor W. ADORNO, “Kulturkritik und Gesellschaft”. In *Kulturkritik und Gesellschaft -1. Gesammelte Schriften*, Vol. 10-1. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1997, pg. 23.

“As representações fetichistas não são apenas ilusão, pois, na medida em que os homens se tornam efetivamente dependentes destas objetividades para eles inescrutáveis, a reificação não é apenas falsa consciência, mas simultaneamente realidade, na medida em que as mercadorias são efetivamente alienadas dos homens. Nós efetivamente dependemos do mundo das mercadorias. Por um lado, o fetichismo das mercadorias é ilusão (não tem vida própria), por outro lado, ele é realidade extrema e é isto que mostra o poderio do mundo das mercadorias sobre os homens”<sup>4</sup>.

Tal dialética de ilusão e realidade se apresenta apenas com esta mudança de perspectiva, que, a rigor, representa a reflexão acerca do primado do ser frente à consciência; ela não seria apreensível se este primado fosse, por sua vez, também meramente pressuposto como ser imediato originário.

“Já em Marx se apresenta a diferença entre o primado do objeto como resultado a ser criticamente estabelecido e sua feição deformada no existente, sua distorção mediante o caráter mercantil (...). A reificação é a forma reflexiva da falsa objetividade (...) o motivo do padecimento dos homens, em vez de ser denunciado, entretentes é deixado de lado pela lamentação acerca da reificação. O mal não se encontra primariamente nos homens e nos modos como as relações lhes aparecem, mas está nas relações que condenam os homens à apatia e à impotência e que deveriam mesmo assim ser mudadas por eles”<sup>5</sup>.

Ao comentar o capitalismo na única oportunidade em que o faz n' *O Capital*, Marx enfatizara este primado das relações de produção:

“Pois o capitalismo é suprimido já em seu fundamento mediante a pressuposição de que seu impulso dinâmico é a fruição e não o próprio enriquecimento. (...) contudo este pressuposto é tecnicamente impossível (...) o capitalista precisa acumular capital (...) e para fazê-lo precisa retirar da circulação um aparte da mais valia sob a forma dinheiro para que cresça entesourada”<sup>6</sup>.

Esta formulação de Marx incide diretamente na questão envolvida no primado do objeto. De um lado, a questão aparece no plano fenomênico, nos termos distorcidos pelo caráter mercantil do princípio da troca. Aqui se situa a crítica e a lamentação acerca da reificação.

<sup>4</sup> Theodor W. ADORNO, “Über Marx und die Grundbegriffe der soziologischen Theorie”. In: H. G. Backhaus, *Dialektik der Wertform: Untersuchungen zur marxschen Ökonomiekritik*. Freiburg: Ça ira, 1997, pg. 508.

<sup>5</sup> Theodor W. ADORNO, *Negative Dialektik*, op. cit., pg. 191.

<sup>6</sup> Karl MARX, *Das Kapital*, Vol. 2. Berlin: Europäische Verlagsanstalt, 1967, pg. 132.

Mas, por outro lado, a crítica ideológica, sustentada na apreensão do caráter fetichista da mercadoria e do capital, possibilita restaurar de modo reflexivo, isto é, criticamente, o primado do objeto. Assim a crítica da reificação pode ser reconduzida ao plano da práxis transformadora das relações de produção.

Vejam como Adorno concebe esta dinâmica. Em seu modo de argumentar ele assinala que nunca compreendera bem quando Marx e Engels teriam afirmado que a diferença entre ricos e pobres não era decisiva.<sup>7</sup> Para ele, assim apenas “instalasse restrições para que as relações de produção sejam conservadas (...). O processo de concentração econômica se mantém”.<sup>8</sup> Assim a razão particular seria fortalecimento da irracionalidade. Pois “os setores parciais são isoladamente fortalecidos sem abandonar o *status quo*”.<sup>9</sup> Há uma irracionalidade crescente sustentando a manutenção das relações de produção, baseada na racionalidade particular que é reflexão das relações de produção. Para Adorno “a crescente *ratio* particular não mitiga a irracionalidade do todo, mas a favorece. Aqui cabe a referência ao mundo administrado”<sup>10</sup>.

Se parece razoável supor que Marx parte da dinâmica de acumulação do capital e, assim, não lhe importa a propriedade pressuposta – ricos e pobres – agora, porém, caberia restaurar criticamente a partir do próprio processo de acumulação a questão das relações entre ricos e pobres no sentido das possibilidades de fruição no plano particular, dos indivíduos envolvidos. Ricos e pobres doravante não são caracterizados em sua posição prévia, mas como resultados, ou seja, em decorrência do processo de acumulação sustentado em relações de produção impostas. Fome e miséria são mediações e como tais objetos da experiência política que precisam também ser parte da experiência no plano da formação da consciência, da experiência filosófica.

Reconstruir criticamente o primado do objeto torna-se então imperioso, sobretudo para designar um papel à política para além daquele de acentuar apenas as questões das ações relativas à dinâmica vigente da economia, da racionalidade econômica e da sua contradição em relação às relações de produção. Se, de uma parte, com as mudanças na forma do modo de produção capitalista, as diferenças entre forças produtivas e as relações de produção se dissolvem por trás do véu ideológico-

<sup>7</sup> Theodor W. ADORNO, *Philosophische Elemente einer Theorie der Gesellschaft*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2008, pg.197.

<sup>8</sup> *Ibid.*, pg. 198.

<sup>9</sup> *Ibid.*, pg. 120.

<sup>10</sup> *Ibid.*, pg. 196.

tecnológico, de outra parte também é verdade que esta questão é passível de experiência. Não uma experiência imediata em termos exteriores, mas em termos da experiência de fruição correspondente ao valor de uso de mercadorias resultantes do processo de produção capitalista.

## 2 A CRISE PARA ALÉM DE AUSCHWITZ

Na citação da *Dialética Negativa* que, como paráfrase, serviu como início do presente texto, o autor expôs sua famosa pergunta: “Após Auschwitz ainda é possível viver?”<sup>11</sup> Para dar seqüência ao nosso paralelo, valeria agora da mesma maneira indagar: Pode viver no mundo atual quem, por motivo fortuito, não se encontra na situação dos condenados à fome e à miséria mencionados antes, embora partilhe a mesma sociedade?

O paralelo entre a situação atual de crise e Auschwitz nem precisa ser forçado: impõe-se logicamente, isto é, nos termos da lógica que preside o nexo entre economia e dominação na sociedade capitalista, mantido em sua essência nos mesmos termos nestes dois momentos históricos, o da monopolização e o da financeirização. Como ocorria então, hoje os seres humanos afetados procuram desesperadamente não permanecer na situação de meros exemplares a que são relegados por força da dinâmica do modo de produção capitalista, em sua crise de realização por conta da super-acumulação de capital financeiro, “fictício”.

Em ambos os casos, ocorre uma “universalização” do processo de coisificação, para muito além do alcance dos “diretamente” envolvidos: todos são atingidos, de modo que até os que são aparentemente “beneficiários” conseguem sê-lo apenas por medidas de força; assim a acumulação se concentra basicamente numa expropriação, numa criação por destruição, ou seja, num retorno quase à acumulação primitiva.

Agora, contudo, impõe-se uma mudança radical no que seria o problema moral nos termos postos na referência a Auschwitz.

Nesta referência se impunha a discussão de uma questão moral, por exemplo, com a célebre questão da “banalidade do mal” em Hannah Arendt: haveria indivíduos culpados, para além das imposições do sistema, ou estas converteriam qualquer homem comum em culpado? Esta é a grande questão, posta exemplarmente no livro *É isto um homem?* de Primo Levi.

<sup>11</sup> Theodor W. ADORNO, *Negative Dialektik*, op. cit., pg. 355.

Nesta medida, a discussão moral tomava como objeto o que poderia restar para além da “administração” sistêmica: a experiência de um imediato originário, vivo, para além das imposições sociais, um genérico “homem comum”.

Mas agora nem sequer esta questão problemática se impõe: a reificação total, a mediação social em sua universalidade, apagaria a experiência dela mesma. O sistema se perenizaria como objeto de adaptação, nunca como objeto de mudança dialética apta a interromper a própria dinâmica objetiva. Pelas palavras de Adorno, hoje toda “existência social é tão completamente resultante da mediação que justamente o momento da própria mediação é obstruído pela sua totalidade”<sup>12</sup>.

Como referir-se a indivíduos, quando estes seriam reduzidos em sua individualidade? Quando se obstrui sua experiência de si, no âmbito de um processo de “reificação da consciência” que acompanharia uma “reificação do ser”, isto é, a progressiva conversão de trabalho vivo em trabalho abstrato, conforme a dinâmica do processo de produção capitalista que se imporia de uma maneira totalizante à formação social? A resposta encontra-se na possibilidade de reflexão “filosófica” dos indivíduos postos pela objetividade social.

Adorno examinaria o assunto especialmente na *Minima Moralia*, já com vistas na dinâmica da sociedade capitalista para fora das amarras do modelo liberal. No parágrafo 147 desta obra, intitulado “Novissimum Organum”, refere-se à questão nos seguintes termos:

“A referência freqüente à ‘mecanização’ dos homens é enganosa, pois pensa o homem como algo estático, submetido a certas deformações por ‘influência’ exterior (...). Mas não existe qualquer substrato de tais ‘deformações’. (...) O que aparece como ‘fenômeno de degradação’ da burguesia, por ela própria denunciado, entretantes se tornou a norma social, caráter da existência plena no industrialismo tardio. Já não se trata da mera venda do que está vivo. Sob o a priori da mercantilização, o que está vivo se converteu a si mesmo, enquanto vive, em coisa, em equipamento”<sup>13</sup>.

Adorno questiona, portanto, a abordagem da reificação no plano de fenômenos de “degradação da burguesia” por ela mesma denunciados. Esta situação seria agora – no industrialismo tardio, ou seja, no modo de produção oligopólico e imperialista – a norma da existência social. Isto é, os indivíduos como forças produtivas

<sup>12</sup> Theodor W. ADORNO, “Spätkapitalismus oder Industriegesellschaft?”. In: *Soziologische Schriften-1. Gesammelte Schriften* Vol.8, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, pg. 369.

<sup>13</sup> Theodor W. ADORNO, *Minima Moralia- Gesammelte Schriften* Vol. 4, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, pg. 262s.

já seriam gerados em conformidade às relações de produção, frente às quais não mais constituiriam oposição. O homem como um todo, como fim em si mesmo, agora se converteu em aparato para sua sobrevivência, em meio.

Os comentários de Adorno dirigem-se, em primeiro lugar, contra a noção de substrato das deformações; isto é, questionam a idéia de existência de um portador que, em sua existência imediata, pudesse ser restaurado em sua existência originária, não deformada. Também o que parece substrato estático deve ser investigado em sua dinâmica.

Em segundo lugar, contudo, cabe atentar ao movimento de mudança de perspectiva operado por Adorno. Mudança esta que não se instala em sua obra de pronto, mas apenas avança lentamente até aparecer em toda sua clareza cerca de duas décadas após a elaboração da *Minima Moralia*. Ali no entanto já se encontra uma perspectiva não idealista, não cultural. Esta mudança de perspectiva é a dimensão fundamental da crítica de Adorno e muito mais importante do que a crítica ao substrato.

A referência ao ‘a priori’ não diz respeito a uma existência originária, anterior, mas sim à perspectiva de análise a partir do ‘a priori’ da sociedade capitalista centrada na mercadoria. Com todas as implicações correspondentes a esta formação social, principalmente no âmbito do nexos entre esfera econômica e esfera da dominação que constituem o pleno significado desta “sociedade baseada na troca” (*Tauschgesellschaft*)<sup>14</sup> para Adorno, como muito bem destacado na *Dialética do Esclarecimento* escrita por Adorno em parceria com Horkheimer.

Para Adorno o problema não reside na questão do substrato referida à consciência, mas na forma abstrata, geral, em que a questão da consciência seria posta; forma que já seria, ela própria, resultante do processo de abstração e que precisaria ser referida objetivamente. O “a priori” remete, por sua vez, ao particular histórico concreto, que não resultaria de uma “concretização” do substrato geral abstrato, mas seria, ao contrário, o âmbito em que o geral seria produzido. Esta é a perspectiva materialista de Adorno.

Com efeito, trata-se de pensar nos termos das condições históricas de possibilidade da realidade efetiva, como Marx sugere em sua famosa afirmação segundo a

---

<sup>14</sup> Uma das críticas mais freqüentes dirigidas a Adorno por marxistas, sobretudo economistas, é a de que, ao contrário de Marx, teria privilegiado indevidamente o momento da troca e não o da produção na apreensão da sociedade capitalista. No presente texto procura-se argumentar justamente pela relevância de ambos esses momentos para a compreensão da práxis conforme a formulação de Marx.

qual “a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco”<sup>15</sup>. Isto é: ali encontram-se as suas condições de realização efetivadas. Cabe pensar, como repetidamente Adorno adverte, nos termos que diferenciam a concepção da Teoria Crítica da concepção sociológica: “Tomar a sociedade como sujeito”. Ou seja: a sociedade como resultante da ação humana conforme o processo do trabalho social em sua determinação histórica.

### 3 O QUE FAZER?

Em uma discussão com Horkheimer acerca de “teoria e prática”, realizada em 1956, Adorno a uma certa altura declara:

“Não nos encontramos em uma situação revolucionária, mas propriamente está pior do que jamais esteve. O horror consiste em que, pela primeira vez na história, vivemos a impossibilidade de um mundo melhor ser sequer objeto de representação”<sup>16</sup>.

Após constatar que o partido já não existe – declaração já antes criticada por Adorno, para quem “não é preciso sempre se apoiar em algo que já existe”- Horkheimer conclui um pouco adiante:

“O momento em que, como em nenhum período anterior, a política tem a possibilidade de realizar o que é certo, é na atualidade simultaneamente também o momento em que a política se torna irrelevante”<sup>17</sup>.

Esta constatação circunscreveria a “antinomia do político” e marcaria o sentido desta discussão: expor em um novo *Manifesto* o estado da política, adaptando aos novos tempos o *Manifesto* originário de 1848.

Adorno adverte para a dificuldade fundamental nonexo entre realidade e cultura, novidade central aos tempos atuais:

“Não cabe dirigir os pensamentos em direção à transformação, mas é preciso que ao menos fique clara a possibilidade de representar uma potencial transformação”<sup>18</sup>.

A impossibilidade da representação nos termos expostos constituiria a marca da atualização do *Manifesto* desde os tempos de sua apresentação por Marx e Engels. Trata-se da totalização ideológica, do estado de obnubilação, do avanço da reifica-

<sup>15</sup> Karl MARX, *Grundrisse*. Frankfurt a. M.: Europäische Verlagsanstalt, s/d, pg. 26.

<sup>16</sup> Max HORKHEIMER, *Gesammelte Schriften* – Vol. 19. Frankfurt a. M.: Fischer, 1996, pg. 70.

<sup>17</sup> *Ibid.*, pg. 71)

<sup>18</sup> *Ibid.*, pg. 70.

ção da consciência. Mas “possibilidade de representar” aqui requer uma explicação: não se reduz apenas à mera representação conceitual nos termos da racionalidade vigente, reificada. Para Adorno, a reificação é apenas epifenômeno: o que importa são as condições de vida e a práxis de sua produção e transformação. A reificação não é independente, mas é resultado, é mediação. Cabe representar este momento de mediação, momento fundamental da prática. Mas, continua Adorno, atualmente “tudo deve ser prática e, simultaneamente, sequer existe um conceito de prática”<sup>19</sup>.

Esta proposição seria a versão adorniana para a “antinomia da política”; ela implica um movimento que conduz para além do que seria uma antinomia ao apontar para uma apreensão da prática para além do “conceito”.

Para seguir com o argumento contido na formulação de Adorno urge recordar as *Teses sobre Feuerbach* de Marx, em especial a oitava:

“Toda vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios que estimulam a teoria em direção ao misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão desta práxis do mundo”<sup>20</sup>.

Adorno se refere à questão da seguinte maneira: “teoria já é prática e a prática precisa se orientar pela teoria”<sup>21</sup>. Está em pauta aqui a apreensão estritamente conceitual da práxis, a prática em sua representação. O acento da formulação de Adorno está no nexos entre prática e conceito; ou seja: teoria – reificada – como figura da práxis – reificada – e teoria como orientação da práxis. A representação a que se referia Adorno anteriormente não é a da racionalidade conceitual, que cai no primeiro dos sentidos da teoria. Nesta medida, o que parecia “antinomia da política” a rigor não implica um paradoxo que paralisa, mas aponta às dificuldades do nexos entre experiência política e experiência filosófica, no caso específico, conceitual. Importa sobretudo referir-se à política no âmbito da própria constituição da realidade social.

Em um texto compilado a partir de um curso oferecido em 1962, Adorno explicitara:

“Para Marx o importante não estava na descrição da sociedade mercantil, mas ele indaga pelos elementos constitutivos da experiência e oferece uma crítica destas categorias da economia. Esta seria a abordagem mais profunda; a aborda-

<sup>19</sup> *Ibid.*, pg. 70.

<sup>20</sup> Marx MARX/Friedrich ENGELS, *Werke* – Vol. 3. Berlin: Dietz, 1956, pg. 7.

<sup>21</sup> Max HORKHEIMER, *Gesammelte Schriften*, op. cit., pg. 70.

gem que possibilita a melhor apresentação da realidade desenvolve-se a partir do problema da constituição. A questão central é a apreensão dos elementos constitutivos da totalidade”<sup>22</sup>.

A rigor Adorno retoma uma perspectiva básica da apresentação dialética de Marx, exposta, por exemplo, nos *Grundrisse*. Aqui desenvolve-se a diferença entre a produção na sociedade vigente e a produção constitutiva, inclusive, daquela forma, ou seja, do modo de produção capitalista existente.

“Os economistas burgueses encontram-se a tal ponto imbuídos nas representações de um e determinado estágio de desenvolvimento histórico da sociedade, que a necessidade da objetivação das forças econômicas do trabalho lhes parece inseparável da necessidade da alienação das mesmas diante do trabalho vivo. Mas com a superação do caráter imediato do trabalho vivo, enquanto um caráter meramente individual, ou apenas interior ou meramente universal exterior ou imediatamente universal ou social mediante o posicionamento da atividade dos indivíduos, esta forma de alienação é retirada dos momentos objetivos da produção; deste modo serão postos como propriedade, como corpo orgânico e social em que os indivíduos se reproduzem como individualidades, mas individualidades sociais. As condições, de ser assim na reprodução de sua vida, em seu processo de vida produtivo, só foram postas mediante o próprio processo econômico histórico; sejam as condições objetivas, sejam as subjetivas, que são apenas as duas formas diferentes das mesmas condições.

A ausência de propriedade do trabalhador e a propriedade do trabalho vivo por parte do trabalho objetivado, ou a apropriação de trabalho alheio por parte do capital (...) são as condições fundamentais do modo de produção burguês, e de modo algum acasos que lhe são indiferentes”<sup>23</sup>.

Adorno se referira à relação entre a realidade e seu processo constitutivo. Aqui a questão da reconstrução do primado do objeto como mediação decorrente do primado das relações de produção fica evidente.

“A mercadoria é a forma originária da ideologia, mas ela não é meramente falsa consciência, mas deriva da estrutura da economia política. Esta é a verdadeira causa pela qual a consciência é determinada pelo ser. O decisivo está em que a estrutura objetiva da forma econômica realiza a partir de si mesma a fetichização. Este é o processo objetivo da ideologia – independente tanto da consciên-

<sup>22</sup> Theodor W. ADORNO, “Über Marx und die Grundbegriffe...”, op. cit., pg. 512.

<sup>23</sup> Karl MARX, *Grundrisse*, op. cit., pg.716.

cia dos indivíduos quanto da sua vontade. A teoria das ideologias tem sua verdade apenas na medida em que a falsa consciência aparece como uma figura necessária do processo objetivo que mantém unida a sociedade. A própria socialização ocorre através desta ideologia (...). Ainda que a ilusão seja consciente, isto não muda nada no caráter de fetiche da mercadoria: qualquer comerciante que calcula precisa se orientar no sentido deste fetiche. Caso contrário vai à falência”<sup>24</sup>.

Esta questão retornaria uma década depois em termos que apontam para uma nova perspectiva. Em um de seus últimos textos, *Introdução à Controvérsia do Positivismo na Sociologia Alemã*, Adorno afirma:

“Os problemas normativos se desenvolvem a partir de constelações históricas, que exigem sua transformação a partir de si mesmas, mudas, objetivas. O que se consolida *a posteriori* como valor a partir da recordação histórica, são a rigor figuras problemáticas da realidade (...) Não pôde ser decretado abstratamente que todos os homens deveriam ser alimentados enquanto as forças produtivas não eram suficientes para satisfazer as necessidades originárias de todos. Mas em uma sociedade em que, graças à evidente disponibilidade de bens, a fome é evitável mas mesmo assim se passa fome, isto exige o fim da fome mediante intervenção nas relações de produção. Tal exigência se instaura a partir da situação, da análise da mesma em todos os níveis, sem que para tanto sejam exigidas a universalidade e a necessidade de uma representação de valor. Os valores sobre os quais é projetada aquela exigência que se instala a partir da situação, constituem mera cópia, em geral falseadora, desta exigência. A categoria da mediação é crítica imanente. Contem o momento da neutralidade de valores sob a forma de sua razão não dogmática, caracterizada na confrontação entre o que uma sociedade aparenta ser e o que ela é; o momento do valor vive na demanda pela prática que precisa ser lida a partir da situação, para o que requer teoria social. (...) Sociedade como nexos funcional voltado à auto-conservação humana, significa: tenham como fim objetivamente a reprodução das suas vidas conforme o estado das suas forças; caso contrário qualquer socialização ou configuração social é absurda no plano do simples entendimento”<sup>25</sup>.

Adorno apresenta aqui uma política que se dá exteriormente à representação conceitual, universal e necessária. A transformação se situa como exigência que

<sup>24</sup> Theodor W. ADORNO, “Über Marx und die Grundbegriffe...”, op. cit., pg. 509.

<sup>25</sup> Theodor W. ADORNO, “Einführung zum ‘Positivismusstreit...’”, op. cit., pg.347.

prescinde da “representação”. A necessidade da transformação seria expressa sem se originar de uma dedução cognitivo-conceitual. Tal maneira de apreender tem como núcleo a ênfase no ser frente à consciência: o ser da situação real contraposto ao conceito que representa no plano da consciência. “Ao pensamento que se move de modo imanente é inata a tentação de desprezar os fatos”<sup>26</sup>.

#### 4 POLÍTICA COMO CRÍTICA DA REIFICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES

A crítica deve se abster de reificar seus conceitos, ao remeter os mesmos à realidade imediata; eles se referem a uma realidade fatural refletida, também ela mediação resultante da ação humana. “De tal realidade como mediação não cabe exigir uma verdade”<sup>27</sup>. Conceitos não existentes em si mesmos como coisas também seriam mediações: conceitos dialéticos. “Sociedade seria um destes conceitos, que não é verificável no plano empírico e não pode ser hipostasiado, posto ingenuamente como existência em si (...) a sociologia dialética não pode deixar de atentar a esta coisificação, sob pena de falsear o que é decisivo, as relações de dominação. (...) as exigências precisam ser derivadas das relações de dominação no processo de vida real, e não serem aceitas como ‘coisa’ originária”<sup>28</sup>.

Uma “antinomia da política” só se apresenta quando se permanece no plano da representação como plano da racionalidade conceitual; isto constitui reflexo de uma paralisia da transformação das relações, motivada pela própria conservação do vigente. Neste sentido, a política deve ir além dos limites propostos na “antinomia do político”, ou seja, superar a compreensão da práxis que esta encerra ao se manter nos limites da representação conceitual da prática.

Na *Dialética Negativa* Adorno expõe esta apreensão como dois modelos de política – a experiência da política como crítica e a experiência da política como paralisia. Em ambos os casos trata-se de uma compreensão da política como experiência de mediação, relativa a uma realidade refletida, não imediata e originária e nem reificada, coisificada por uma imposição conceitual.

“O fim que torna uma sociedade em sociedade, exige que seja organizada do modo que é impedido inexoravelmente pelas relações de produção (...) e como

---

<sup>26</sup> Ibid., pg. 348.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> Ibid., pg. 349.

seria possível conforme o estado atual das forças produtivas. Uma organização destas teria seu *telos* na negação do sofrimento físico e de todas as formas reflexivas deste sofrimento para a totalidade dos seus membros. Ela constitui o interesse de todos, a ser realizado unicamente pela solidariedade transparente de todos os vivos”<sup>29</sup>.

O sofrimento que se trata de remover não é originário, mas resulta da imposição das relações de produção na sociedade. Do outro lado, a vontade de que isto não se realize é consequência de uma situação.

“reproduzida de modo planejado pelos detentores do poder (...). A uma tal práxis se dedicaram, tanto o materialismo que alcançou o poder político, quanto o mundo que outrora ele queria transformar: continua a imobilizar a consciência, em vez de compreendê-la e, por seu turno, transformá-la”<sup>30</sup>.

O desafio hoje é compreender a práxis para direcionar a política. As políticas que hoje são orientadas, sobretudo, à erradicação do sofrimento – erradicação da fome, da miséria resultante do desemprego e da exclusão social – seriam uma experiência política a que a experiência filosófica – vide racionalidade conceitual – teria que se adaptar para escapar à paralisia.

As forças produtivas enquanto subordinadas à racionalidade das relações de produção vigentes não podem ser reificadas no plano de sua reflexão.

Elas precisam ser concebidas dialeticamente, para efetivamente haver uma contradição com o desenvolvimento das relações de produção. Esta contradição está paralisada no plano do espírito objetivo conduzido pelas próprias relações de produção. Primado do objeto quer dizer primado da experiência reconstruído nos termos desta experiência política.

---

<sup>29</sup> Theodor W. ADORNO, *Negative Dialektik*, op. cit., pg. 203.

<sup>30</sup> *Ibid.*, pg. 204.